

LITERATURA E ALFABETIZAÇÃO: contando histórias para formar pequenos leitores¹

Alan Silus²

Eixo Temático: 6. Alfabetização, Cultura Escrita, Tecnologias Educacionais e Outras Linguagens

Resumo: O presente texto, tem por *objetivo* discutir as relações entre Literatura e Alfabetização de forma a demonstrar a importância da contação de histórias no processo de formação dos jovens leitores. Como *metodologia*, pautamos-nos em uma abordagem qualitativa e em uma atividade de análise bibliográfica a partir de três pontos focais: a contação de histórias enquanto prática social, a literatura infantil enquanto recurso de contação de histórias e a prática da contação de histórias pelo professor. Para sustentar nosso discurso, tomamos como *fundamentação teórica* os trabalhos de Abílio & Matos (2006), Bagno; Stubbs ;7 Gagné (2002), Bakhtin (2011), Bozzano; Frenda & Gusmão (2013), Cagliari (1996), Coelho (2001), Gomes & Moraes (2013), Gonçalves (2012), Ramos (2011), Silva (2014), Spíndola (2009), Tavares (1974) e Zilberman (1994). Para as *discussões e resultados* trazemos a premissa de que a contação de histórias constitui-se em uma prática que promove a prática da escuta, da atenção e desperta o gosto pela leitura de textos escritos. Dessa forma, *consideramos* ser importante incluir no trabalho pedagógico do professor alfabetizador as práticas de contação de histórias com o uso de textos literários infantis de forma a construir novos leitores na educação da infância.

Palavras-chave: Literatura; Alfabetização; Contação de Histórias; Formação de Leitores.

1 Introdução

Os estudos de alfabetização e letramento ganharam um enfoque considerável a partir do fim dos anos de 1980. Na visão de Luiz Carlos Cagliari, em sua obra denominada “Alfabetização e Linguística”, o conceito de alfabetização pode ser visto como a aprendizagem da leitura e da escrita, deixando claramente subentendido que a alfabetização é uma das questões mais discutidas entre os estudiosos da Educação Brasileira, pois “há muitas décadas se observam as mesmas dificuldades de aprendizagem, as inúmeras reprovações e a evasão escolar.” (CAGLIARI, 1996, p. 08).

O conceito de letramento é defendido por Bagno; Stubbs & Gagné (2002, p. 52, grifo

¹ Este texto é uma versão ampliada e renovada de um capítulo de nossa autoria, publicado na obra de MORAES, M. M. S.; URT, S. C. (Orgs.). **Proposta Curricular na Formação de Professores da Educação Integral**. Campo Grande: UFMS, 2019.

² Mestre e Doutorando em Letras (Estudos Literários). Professor do Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN e Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campus de Três Lagoas. Contato: alan.silus@ufms.br

dos autores) como o “estado ou condição de quem *não* só sabe ler e escrever, **mas** exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas de interação oral”.

A tradição oral de contar histórias desvela a necessidade de expressão do homem que, de acordo com Gomes & Moraes (2013, p. 9), “foi se adaptando aos meios e às angústias da modernidade”. Assim, o homem narra seu passado, na tentativa de recondicionar o presente e, nesse contexto, buscamos:

[...] descortinar o papel contemporâneo do homem real de todos os dias (da prosa na esquina, das conversas telefônicas, dos relatos mais breves), sujeito atuante e presente no cotidiano escolar, que nos conduz a um mundo imaginário e fantástico evocando a força da forma de novos pensamentos, constituindo, em suas narrativas e brincadeiras com as palavras, nosso conjunto social. (GOMES; MORAES, 2013, p. 9).

Assim, entendemos que a contação de histórias é uma ponte para a mediação e a formação de leitores, pois motivam os alunos a ler, aproximando-os do contexto da história, facilitando assim, a compreensão do texto. De acordo com Gomes e Moraes (2013, p. 54), “a leitura em voz alta possibilita a assimilação de vários elementos inerentes à tradição oral”.

Em sala de aula, há a construção de sentidos com questionamentos que levam a respostas, visando aprofundar detalhes sobre a obra, ampliando o repertório e as estratégias do leitor. Ao selecionar o livro a ser discutido pela turma, o professor tem uma prévia, pois pode conhecer o material e, assim, possibilitar aos alunos o contato com diversas possibilidades de sentidos.

2 O Encantamento da Arte de Contar Histórias

A origem da arte de contar histórias remonta à tradição da Literatura Oral, que consistia na difusão das histórias para determinados grupos de pessoas ou famílias, por pessoas mais velhas, geralmente. Contar uma história para uma criança é fazê-la descobrir e redescobrir um mundo cheio de conflitos e soluções, oportunizando a percepção de emoções e sentimentos novos.

Com diferentes funções na sociedade, a arte de contar histórias pode, segundo Bozzano, Frenda & Gusmão (2013, p. 11), “educar, provocar reflexão; pode representar a realidade, ou criticá-la; ser manifestação dos sentimentos do artista, do sonho, imaginação ou fervor religioso; e pode também não ter função nenhuma, bastando-se por si mesma”.

Tendo como suporte as Artes Cênicas, a contação de histórias só existe pelas inter-relações entre artista/contador e público. Muito próxima do teatro, essa arte pode também ser

formada por cenas, cujos elementos de composição básicos são: o espaço, as personagens e a ação da narrativa. (BOZZANO; FENDA; GUSMÃO, 2013).

Em muitos casos, no envolvimento das crianças na contação de histórias é preciso preocupar-se com a adaptação do texto a ser contado. Assim, cabe ao professor analisar o conteúdo textual da história escolhida e realizar as adaptações necessárias à realidade da comunidade, escola e criança. “Vale lembrar que para facilitar a tarefa, [...] fazer o uso de uma linguagem mais atualizada, menos formal, é melhor para a compreensão do sentido”. (GONÇALVES, 2012, p. 108).

Dessa forma,

o universo de referência apresentado [...] é sempre uma mistura de real e imaginário: crianças “reais” a falarem com animais, objectos [sic] da vida cotidiana que conversam entre eles e com seres humanos, reis, rainhas e princesas que moram na minha cidade, e até um pirata que chega a ela pelo rio, acompanhado dum dragão que não fala mas que sabe ler. E assim por diante. (SPÍNDOLA, 2009, p. 35, grifo do autor).

Aliados à prática pedagógica do professor, a contação de histórias pode ser permeada pelo teatro. A participação efetiva dos alunos no processo de composição da história, além de motivar as crianças a serem protagonistas das ações ocorridas, também estimula a prática da interação social.

3 A Contação de Histórias e a Literatura Infantil: uma imprescindível junção

O contar histórias para as crianças era um hábito desenvolvido pelos avós, que se sentavam na sala ou debaixo de uma árvore, e os netos e amigos dos netos, posicionados ao seu redor, prostravam-se para ouvir maravilhosos contos que, sem dúvidas, até hoje permanecem vivos na memória de muitos indivíduos. Essas histórias foram transmitidas de pai para filho, de geração a geração, por fim, chegando aos nossos dias.

E assim, foram surgindo às fábulas, apólogos, parábolas, contos, mitos, lendas e contos de fadas, que estão nas origens da Literatura Moderna e guardam consigo um saber fundamental. Assim, “[...] são essas narrativas que ocupam, muitas vezes, o imaginário de nossas crianças, pois vêm sendo contadas e recontadas, em casa e na escola”. (ABÍLIO; MATOS, 2006, p. 78).

A literatura é uma fonte inesgotável de conhecimento e cultura. Como já dito, cabe à família dar o pontapé inicial a esse processo e à escola cabe dar continuidade e “preservar as relações entre a literatura e a escola, [...] decorre do fato de que ambas compartilham um aspecto em comum: a natureza formativa”. (ZILBERMAN, 1994, p. 34).

A Literatura Infantil é de inestimável importância, pois compreende o campo da cultura e da educação. Todo acervo sobre ela, ao qual temos ciência, em sua maioria, são de criações da tradição mitológica e oral, transmitidas através das gerações e remodeladas, de acordo com a sociedade de cada época. O ideal é que seus limites se estendam por horizontes que ultrapassem os aspectos da recreação, da instrução e da formação completa do indivíduo, pois conforme o filósofo Platão, “a criança não é um vaso para ser enchido, mas uma alma para ser enobrecida”. (TAVARES, 1974, p. 235).

Tavares (1974) assevera que:

[...] a importância da divisão de Gêneros Literários das obras de cunho infantil de acordo com a idade, “o período maternal (dos 2 aos 4 anos) é a fase pré-mágica, o mundo da criança limita-se ao ambiente circundante em que ela vive. Sua imaginação acha-se ainda latente, e por isso, somente os seres, as coisas e as pessoas com que convive, podem ocupar-lhe a atenção. No pré-primário (dos 4 aos 6 anos), entra o infante na fase mágica, e a fantasia desponta criadora e atuante. [...] Neles entram as narrações clássicas, como estórias de Dona Baratinha, Os Três Porquinhos, Chapeuzinho Vermelho, etc. Na fase escolar (dos 7 aos 10 anos) a criança começa o aprendizado pela leitura, que se faz normalmente nas escolas primárias. O enredo, girando em torno de estórias de animais, de aventuras e de encantamento, desperta o interesse pelos conflitos e laces culminantes de que se entretém. (TAVARES, 1974, p. 237-238).

Envolver a Literatura Infantil no processo de contar histórias é de grande importância, pois o aluno se constitui como sujeito reflexivo, e o sujeito só se transforma em homem quando vive em sociedade, possuindo então, uma vida interpsicológica. Assim, o processo de formação de sua identidade está relacionado à atividade que ele desempenha na sociedade e ao modo com que ele se relaciona com o seu meio social.

No entender de Silva (2014),

[...] quando aliadas, língua oral e língua escrita, o trabalho pedagógico se torna mais fácil e mais prazeroso tanto ao aluno que aprende por meio das diversas competências discursivas, quanto ao professor que ensina através dos diversos eixos temáticos propostos pelos referenciais curriculares e parâmetros nacionais. (SILVA, 2014, p. 100).

Sobre o uso da Literatura Infantil na contação de histórias, destacamos sua função estimuladora do pensamento. O pensamento lógico-verbal (não particular) depende de funções psicológicas superiores — que se trata de todos os elementos constituintes da consciência —, através das quais o homem ultrapassa a percepção imediata, ou seja, o homem pensa por necessidade, sendo esse processo caracterizado como cultural, e não natural. Assim sendo, o pensamento está diretamente ligado às condições históricas do grupo social em que o sujeito se encontra inserido, permitindo a assimilação (de forma ativa) do

conhecimento, internalizado com o sentido e significado (estes relacionados à mediação da linguagem).

A contação de histórias possibilita à criança desenvolver-se emocional, social e cognitivamente. As histórias possibilitam à criança perceber, de modo mais claro, seus sentimentos com relação ao mundo. (ABRAMOVICH, 1997). Problemas existenciais infantis, como sentimentos de medo, tristeza, raiva, insegurança, etc., ao fazerem parte do contexto das histórias e das experiências vividas pelas personagens, auxiliam a criança a conhecer e a aprender e aceitar suas emoções.

Dessa forma, através da interlocução, o conhecimento é adquirido e também ampliado por meio de contraposições. Segundo Bakhtin (2011), a linguagem é constitutiva; em outras palavras, a construção do pensamento do sujeito tem por base o pensamento de outros sujeitos com os quais convive, configurando-se, portanto, em uma linguagem dialógica. Bakhtin (2011) assevera que:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2011, p. 348).

Sob os aportes da perspectiva da interação social e do diálogo, é possível compreender a relevância da literatura para o desenvolvimento da criança, pois como afirma Coelho (2001, p. 17), “é um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial, social e cultural”. Conforme Coelho (2001), a leitura consiste em um processo no qual o leitor exerce um papel ativo na elaboração do significado textual. Desse modo, a leitura, por possibilitar a compreensão sobre mundo, configura-se também como uma condição básica do ser humano.

4. Da Prática à Prática: o professor contador de histórias

Ao iniciar uma contação de histórias, podemos utilizar uma série de recursos: músicas, leituras de poesias, apresentar diferentes tipos de objetos, apagar a luz (caso o ambiente seja propício a isso) ou, simplesmente, sentar-se para começar a história. É preciso também que o contador tenha sempre várias histórias na mente e saiba a ideia central de cada uma delas, podendo adaptá-las, de acordo com cada circunstância.

Outro ponto está na forma de contar a história. É preciso que o contador imponha suas características sobre ela, como o uso da voz e do olhar perante os ouvintes/leitores. O olhar

prende a atenção, pois a cada trecho narrado muito pode transmitir através da expressão dos olhos e da face. A voz também é um recurso importante, porque é essencial para a história. O uso das entonações e prosódias, adaptadas às narrativas, provocam curiosidade e encantamento.

Dessa forma, é preciso criar condições para que os educandos realizem considerações sobre o sentido e o uso social da leitura, e dominem sua dinâmica, mesmo sendo de forma convencional, porém com ênfase na construção crítico-social. Diante disso, o papel do educador é auxiliar e promover a interpretação desses dados, relacionando-os e contextualizando-os.

Para começar uma história, devem ser utilizadas algumas expressões do tipo: “*Há muito tempo atrás, na terra dos sonhos...*”; “*Há muito tempo atrás antes de qualquer um de nós ter nascido...*”; “*Em uma terra muito distante daqui...*”; e “*Meu avô me contou esta história...*”. Para encerrar, recomendamos o uso de diversas expressões, como: “*E entrou por uma porta... Saiu pela outra, quem quiser que conte outra!*”.

A arte de contar histórias depende, frequentemente, do poder de sedução do contador - poder resultante das relações que ele, ao narrar, estabelece com a vida de seus ouvintes e do modo como trabalha o objeto. (RAMOS, 2011). Deve-se, assim, selecionar um texto atrativo, selecionando, previamente, as possíveis estratégias para a contação.

Além disso, as junções entre o texto e o uso do corpo possibilitam, ao contador de histórias, um resultado significativo em sua prática. Para Ramos (2011, p. 39), “cada gesto, cada palavra carrega em si e em seu conjunto a narrativa que o contador pretende transmitir, imprimindo, assim, ao ato de contar, sentido e direção”.

5. Considerações Finais

Utilizar as técnicas de contação de histórias, em sala de aula, só oferece benefícios ao processo ensino-aprendizagem, pois além de possuir um valor artístico, traz incluso a formação cultural, deixando marcas profundas ao tocar a sociedade e fazê-la sonhar, conhecer e se encantar pelo desconhecido.

Estamos envolvidos em um processo de aprendizagem e encantamento, em que o próprio educador precisa conhecer muito bem o que será trabalhado para poder transmitir conhecimentos que estimulem a criança a criar suas próprias histórias, compreendendo a escrita e a arte de narrar, de modo que o adulto e elas mesmas se interessem por suas ideias e pelo que produzem, ou seja, é preciso saber despertar o interesse de nosso leitor, de quem nos lê/ouve. Assim, a aproximação entre ambas as partes instigará o desenvolvimento de uma produção textual muito mais interessante, estimulando, sobremaneira, a leitura e a busca

pela compreensão do maravilhoso no universo infantil.

Assim, o contar histórias deve ser uma prática mediada pelo professor que, ao ler/contar uma história para uma turma, deve demonstrar ter o domínio de estratégias, sendo capaz de estimular os leitores a realizarem conexões com sua subjetividade que, por sua vez, permitirá que logo desenvolvam uma compreensão do sentido mais amplo das palavras, com mais objetividade.

Referências

ABÍLIO, Eleonora C; MATTOS, Margareth S. Letramento e Leitura da Literatura. In: CARVALHO, M. A. F de. MENDONÇA, R. H. (Org.). **Práticas de Leitura e Escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BAGNO, M; STUBBS, M; GAGNÉ, G. **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. (Coleção na Ponta da Língua, v. 2).

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezzer. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BOZZANO, Hugo B; FRENDA, Perla; GUSMÃO, Tatiane Cristina. **Arte em Integração**. São Paulo: IBEP, 2013.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1996.

COELHO, Betty. **Contar Histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2001.

GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano. **Alfabetizar Letrando com a Tradição Oral**. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

GONÇALVES, Jean Carlos. **Artes Cênicas**. Indaial: Uniasselvi, 2012.

RAMOS, Ana Cláudia. **Contação de Histórias: um caminho para a formação de leitores?** 124f. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação, Centro de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, 2011.

SILVA, Alan S. da C. Abordagens no processo de formação do leitor: leitura, tecnologia e literatura infantil. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological – Revista do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre – Cap/UFAC**. Rio Branco (AC), v. 1, n. 1, 2014. Edição de Lançamento, 2014.

SPÍNDOLA, Arilma Maria de A. **Estudos de Literatura Infanto-juvenil: ferramenta imprescindível na formação de professores**. Campo Grande: UFMS, 2009.

TAVARES, Hênio. Literatura infanto-juvenil e folclore. In: _____. **Teoria Literária**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil na Escola**. 8. ed. São Paulo: Global, 1994.